

Parte 1 - Construção epistemológica na interface Comunicação e Educação

Comunicação e Educação: o problema da aceleração temporal

Adilson Citelli

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CITELLI, A. Comunicação e Educação: o problema da aceleração temporal. In: NAGAMINI, E., org. *Questões teóricas e formação profissional em comunicação e educação* [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015, pp. 11-23. Comunicação e educação series, vol. 1. ISBN 978-85-7455-439-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PARTE 1

Construção epistemológica na interface Comunicação e Educação

Comunicação e Educação: o problema da aceleração temporal¹

Adilson Citelli²

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

1

O conjunto de indagações que circundam os estudos postos na interface comunicação/educação – educomunicação – apresentam desafios de várias naturezas cujos alcances requisitam da parte dos interessados dupla inflexão, seja para qualificar os mecanismos de pesquisa seja para identificar tendências e desdobramentos colocados pela própria dinâmica técnica e tecnológica que envolve os mundos da escola e dos dispositivos comunicacionais. Vale dizer, tratamos de tema que possui, ao mesmo passo e em estreito vínculo, decisivo enraizamento institucional – no caso evidenciado neste artigo, a educação formal –, e modulações tecnoculturais ou tecnossociais que elegeram a instabilidade e o dinamismo interno como marcas singulares.

A metáfora de Marx segundo a qual tudo o que é sólido se desmancha no ar funciona para referenciar as contínuas mudanças dos aparatos produtivos, mas que ganharam, contemporaneamente, impressionante

1 Trabalho originalmente apresentado no GP Comunicação e Educação, Congresso INTERCOM, Rio de Janeiro, 2015. Aqui foram procedidos ajustes para a forma de artigo.

2 Prof. Titular junto ao Departamento de Comunicações e Artes. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Pesquisador 1C do CNPq. Coeditor da revista *Comunicação & Educação*. Autor, entre outros livros e artigos, de: *Imagens do professor na mídia* (Org.). São Paulo, Paulinas, 2012; *Educomunicação. Construindo uma nova área do conhecimento*. São Paulo, Paulinas, 2011. Volume organizado com Cristina Costa; *Palavras, meios de comunicação e educação*. São Paulo, Cortez, 2006; *Comunicação e educação. A linguagem em movimento*. São Paulo, SENAC, 2000; *Linguagem e persuasão*. São Paulo, Ática, 2000.

profundidade e celeridade. A dialética entre construção, transformação e destruição esclareceu-se como inequívoca evidência, sobretudo, no que vem sendo chamado de mundo pós-industrial, tanto na profusa e transitória oferta de mercadorias que recheiam gôndolas de supermercados e vitrines de shopping centers quanto no próprio setor financeiro, com a sua peculiar oferta dos chamados produtos/serviços bancários, um leque de papéis, títulos e operações sobre indexadores que alcançam do segmento acionário ao de câmbio, basicamente marcados pela imaterialidade, mas com força suficiente para repercutir com enorme rapidez nos mercados mundiais.

Sem o desejo redutor de criar sobredeterminações mecânicas, é imperioso reconhecer que as estratégias de organizar os andamentos do capital, as constantes mutações dos instrumentos de produção, em especial quando se observam as inovações trazidas pela ampla digitalização dos sistemas, os novos modos de constituição das sociabilidades, em forte nexos com os dispositivos da comunicação substanciados em telas pequenas e nas tecnologias locativas, têm repercutido diretamente na maneira de organizar as relações de tempo e espaço.

Há uma série de autores dedicados a pensar essa dimensão cronotópica do sujeito contemporâneo insistindo na perspectiva de que os ritmos do tempo social ganharam não apenas ângulo especioso, mas passaram, também, a expressar contradições com o tempo das instituições. De um lado, o compasso é o da aceleração e, do outro, da dilatação. É o que pensam, em registros e explorando vertentes um pouco distintas do mesmo problema, nomes como os do sociólogo alemão Hartmut Rosa (2013) ou do norte-americano Jonathan Crary (2014), ao tratarem dos novos cenários abertos pela aceleração social. Em torno desta variável teórica, vemos irromper uma série de subtemas que incluem desde a fragilização das instituições tradicionais até o controle do sono, graças a uma estratégia do capitalismo tardio para, se possível, fazer desaparecer a lua, entronizando o sol como o senhor da luz permanente que sinalizaria estarem as vinte e quatro horas à disposição dos negócios e dos fluxos da produção e do consumo.

O desajuste posto no coração da alta modernidade entre a rapidez do tempo social, ritmado pelas revoluções técnicas, pelas mudanças nos percursos da vida, e a morosidade das instituições, incluindo os mecanismos de governança, a estrutura da família ou do judiciário, traz consigo uma série de resultantes que tanto dizem respeito às maneiras de promover a circulação do conhecimento e da informação quanto à afirmação do consumismo, do individualismo, da experiência radicalizada daquilo que David Riesman

(1995), com enorme acuidade, ainda nos anos 1950, caracterizou como sendo a marca da nova classe média norte-americana, constituída por um ajuntamento de insulados, a caminhar rumo à introdireção e a alterdireção³.

Nesta linha, Hartmurt Rosa pensa as mudanças que marcam os compassos do mundo contemporâneo, a partir de três indicadores centrais: a rapidez dos sistemas e processos tecnológicos, manifestados em áreas de transporte, comunicação e produção – é possível eleger, aqui, o efêmero como traço constitutivo de variados tipos de mercadorias; a aceleração das mudanças sociais, identificáveis nos âmbitos da cultura, das instituições e das relações pessoais; a dinamização nos ritmos de vida, expressão de certo paradoxo, pois seria esperado que as facilidades carreadas pelas tecnologias trouxessem consigo um aumento do tempo livre das pessoas, ampliando o lazer e permitindo o chamado ócio criativo⁴. Para o sociólogo alemão, as marcas estruturais e culturais das instituições estariam em choque com o *shrinking of the present*⁵, aquele fragmento temporal em que se diminuem as marcas do passado e se ampliam as expectativas do futuro, imprimindo no *hic et nunc* a estranha sensação de existir apenas um cenário de “passagem”, da fugacidade caracterizada por um instante de perigo⁶.

3 A evidência acerca do aumento espantoso no número de pessoas que estão vivendo sozinhas tem trazido à luz trabalhos como os de Eric Klinenberg (2012), que mostram a extensão do assunto. Se na época em que Riesman publicou o seu conhecido livro, à altura dos anos 1950, havia 4 milhões de americanos vivendo sós, em seu trabalho, Klinenberg indica o número atual de 30 milhões, sendo que na zona de Manhattan, em Nova Iorque, a metade dos moradores ocupa habitações individuais. E prossegue apontando que entre as causas deste fenômeno estão: as transformações na comunicação, a revolução urbana, o aumento da longevidade, a redefinição do papel social da mulher. Claro está que parece insuficiente imaginarmos que a multidão deixou de ser “solitária” apenas porque se encontra conectada compartilhando as mesmas redes sociais, os mesmos blogs. A complexidade ontológica do problema merece inflexão mais detida em espaço próprio.

4 Friedrich Nietzsche falando sobre a pressa que marcava a vida nos Estados Unidos, motivo pelo qual as pessoas se envergonhavam do descanso, sendo asfixiadas pela ideia de que era melhor fazer qualquer coisa do que nada, termina na amarga constatação segundo a qual a civilização ganhou ares de barbárie por haver perdido a capacidade de se tranquilizar. Isto é, de aceitar o movimento lento da reflexão, dos achados no campo da arte e da cultura. Acerca deste ponto, ler: Giacoia Júnior, Oswaldo. Ansiedade sem aplicativo. In: *O Estado de São Paulo*. 28/06/2015.

5 A afirmativa de que existe um “encolhimento do presente” aparece em várias passagens do livro de Rosa, *Social acceleration. A new theory of modernity* (2013).

6 Para retomar a conhecida afirmativa de Walter Benjamin (1985).

O encolhimento do presente, ou ao menos a sensação de que ele ficou demais estreito, em certa medida resultante da aceleração tecnológica e da própria vida cotidiana, sugere que à fluidez do tempo corresponderia o enfraquecimento dos laços sociais e das relações interpessoais. Daí, para retomar o pensamento de Riesman, ser possível falar em introdireção e alterdireção, instâncias convergentes e marcadas por uma perspectiva de fechamento e isolamento dos indivíduos, o que não deixa de carregar curiosa ironia e preocupante paradoxo, pois, ao menos segundo a retórica do nosso tempo, viveríamos sob a larga abrangência da globalização integradora, plugados em redes interconectadas on line, portanto longe de compor a multidão de solitários. Considerado por este viés, no qual as manobras da linguagem e as dinâmicas societárias fingem acertar o passo, o problema da aceleração social pode ser pensado como uma orquestra que traz dentro de si elementos disfuncionais, resultando em desencontros entre o piano e o violino, e afetando a performance final do concerto.

A mesma perspectiva do “revolucionar permanente”, destacada por Marx em seu manifesto, e que afirmaria a transitoriedade como determinante do modo de produção capitalista e da burguesia em busca constante de inovação e racionalização do trabalho é repostada por Jonathan Crary, no seu já citado ensaio acerca da afronta que o ato de dormir parece provocar no capital. O estado de plena felicidade – para quem domina os meios de produção, o comércio, a circulação do dinheiro – seria aquele no qual fosse possível manter os ritmos laborais em funcionamento nas vinte e quatro horas e nos sete dias da semana, prática, ademais, a plena carga em grandes cidades do mundo. Aqui, é útil relembrar, a contrapelo, a observação de Nietzsche, para quem, a tranquilidade, o sossego e o ócio estariam associados semanticamente ao tempo de larga duração, requisito último para se exercitar a capacidade de pensar, fruir a arte, perseguir a liberdade do espírito, enfim, um direito de viver sem os atropelos do *shrinking of the present*, ou, se quisermos atualizar e particularizar o reclamo: afastando a tentação do Facebook, do WhatsApp, do e-mail, e quejandos.

O problema, segundo formulado por Jonathan Crary, é que a transitoriedade ancora-se –, não de hoje, mas agora como vetor decisivo, em uma situação de permanência, motivo pelo qual o conceito, por exemplo, de “era digital” resulta, ele mesmo, em tipo singular de boutade, visto cristalizar uma fração temporal que consigna autonomia, independência histórica, fingindo estabilidade onde habita instabilidade:

No entanto, a realidade bastante diversa de nosso tempo se caracteriza como manutenção calculada de um estado de transição contínuo. Diante de exigências tecnológicas em transformação constante, jamais

haverá um momento em que finalmente as alcançaremos, seja enquanto sociedade seja enquanto indivíduo (CRARY, 2014, p. 46).

E prossegue lembrando que não estamos diante de algo novo – acrescentamos nós, mas apresentando, agora, ritmos, alcances e profundidades irrecorríveis – haja vista existir:

incompatibilidade intrínseca do capitalismo com formações sociais estáveis ou duradouras, e a história dos últimos 150 anos é inseparável da “revolução contínua” das formas de produção, circulação, comunicação e construção de imagens (CRARY, 2014, p.47).

Em síntese, Hartmurt Rosa e Jonathan Crary convergem no atinente ao ponto que estamos destacando como uma das marcas caracterizadoras da alta modernidade: a pressa, a velocidade, o açoitamento, tudo seguido da superoferta de mercadorias, o que combina, em procedimentos de retroalimentação, com o consumismo e a alterdireção. Ou, nos termos de Crary (2014, p. 52):

Esse fenômeno contemporâneo da aceleração não é simplesmente uma sucessão linear de inovações, na qual cada item obsoleto é substituído por um novo. Cada substituição é sempre acompanhada por um aumento exponencial do número de escolhas e opções disponíveis. É um processo contínuo de distensão e expansão, que ocorre simultaneamente em diferentes níveis e em diferentes lugares, um processo no qual há uma multiplicação das áreas de tempo e experiência que são anexadas a novas tarefas e demandas envolvendo máquinas. A lógica do deslocamento (ou obsolescência) é conjugada a uma ampliação e diversificação dos processos e fluxos aos quais o indivíduo se vincula efetivamente.

Posto de outra maneira, os mecanismos da aceleração e da diversificação tecnológica criam os ambientes ou os fluxos no interior dos quais os indivíduos – respeitando-se particularidades culturais, de classes, econômicas, etc. – definem interesses, conformam valores, entram no debate público, assumem formações discursivas, ativam processos comunicacionais, enfim, singularizam mecanismos de integração na dinâmica social e de construção das sociabilidades. Diante deste quadro, fica no ar a pergunta acerca de como as instituições tradicionais, aquelas responsáveis, em tese, pela formação educativa, religiosa, política, ética, moral, à maneira das escolas, igrejas, partidos, famílias, etc., localizam-se frente aos mecanismos de aceleração social, da decisiva dominância dos mediadores tecnocomunicativos, do aparente desconforto resultante do *shrinking of the present*.

2

Ao seguirmos as reflexões acima, impõe-se abrir duas vertentes quando a matéria de referência é o universo da educação formal. De um lado, o encolhimento do presente, com a sua marca transitiva em ritmo acelerado, no qual os mediadores técnicos da comunicação jogam papel importante. Tais mediadores, eles próprios cifrados pela curta duração, pela “obsolescência constitutiva”, a ser acompanhada *in praesentia* nas vitrines das lojas, nas ofertas que inundam as páginas da internet, a exemplo dos celulares, e a sua sequência quase fetichista de gerações que se sucedem anualmente, num infundável atropelo de Gs: 1, 2, 3, 4, etc.

De outro lado, a escola como unidade marcada por configuradores institucionais desenvolvidos segundo outra lógica temporal, com os seus ritos e a convivência com o tempo lento, necessário aos processos de (in)formação, sistematização, maturidade reflexiva, vínculos com o conhecimento, etc.

O “revolucionar permanente” possui, aqui, outro sentido, implicado, em particular, com a ordem do saber, do conhecimento, da pesquisa, dos avanços no âmbito das ciências, circunstâncias todas que lançam olhar desconfiado para o sentimento de urgência. A se lembrar o significado do substantivo formação (*erfahrung*) que diz respeito aos vínculos dos sujeitos com os planos objetivos e subjetivos, ademais, articulados no território da experiência, logo, da vivência/maturidade. E, para tanto, impõem-se, ainda seguindo a já citada metáfora nietzschiana da tranquilidade, certa lentidão incompatível com o estreitamento do tempo presente, aquele no qual a escola precisa realizar a sua operação formativa.

Equivale dizer que a tensão temporal e de imperativos pragmáticos entre as dinâmicas da transitividade marcada pelo sentimento de urgência e o aparato das instituições tradicionais está posta de maneira vigorosa para a educação formal. Nesse descompasso, podem ser localizadas algumas das várias fragilidades que matizam o sistema escolar brasileiro, cuja tradução pública, muitas vezes espetacularizada pela mídia, traduz-se nas críticas ao currículo⁷, à defasagem dos programas de ensino, ao despreparo dos professores, à leniência das autoridades governamentais, ao acesso de milhões de jovens das classes populares ao ensino público, à tibieza nas avaliações, ao

7 Está em fase final de discussão a Base Nacional Comum Curricular, que deverá orientar a construção dos currículos das escolas de ensino básico no país.

paternalismo, ao abastardamento do que teria possuído nobreza no passado, para ficarmos em itens de uma lista infundável. A contraparte do diagnóstico, isto é, a requalificação da escola, seria possível, por outra série de tópicos formulados, segundo o lugar social, político ou ideológico da enunciação, através do rigor nas aprovações/reprovações dos alunos, do adestramento para operações como a tabuada, a leitura, a escrita, da retomada do enciclopedismo propedêutico, da fêrula da repressão aos discentes desajustados na sala de aula, da cobrança de resultados por metas impostas aos docentes, da mudança nos padrões de financiamento da educação, na reorganização da escola segundo o modelo dos ciclos únicos⁸, etc.

Independentemente da procedência de algumas das cláusulas salvadoras postas acima, pouco ocorre às críticas sobre a escola atual uma nova visagem acerca dos contornos culturais ou dos desafios apresentados pela questão da temporalidade e da presença das tecnologias da comunicação e da informação nos configuradores institucionais e na sociabilidade dos jovens e adolescentes. Acerca destes últimos reptos, talvez pela complexidade que apresentam e pela própria dificuldade de acompanhar os seus deslocamentos, reina um desconfortável silêncio. Parece persistir uma consciência que pergunta, mas se esquia de oferecer resposta, preferindo continuar na rota do *cronos* que rege, tradicionalmente, a instituição escolar, eximindo-se, portanto, de apreender as temporalidades localizadas, também, fora das salas de aula. E nestes outros lugares, igualmente carregados de contradições, habita o amplo território da comunicação, seus mediadores, suas tecnologias, seus apelos de velocidade e aceleração do tempo social, que marcam a fundo os modos de ser, aprender e conviver, dos jovens e cujas convergências encontram, por vias diretas ou indiretas, os espaços da educação formal.

Das questões apontadas nos tópicos acima foi possível, de forma sintética e nos limites dados por este artigo, destacar algumas categorias: “*shrinking of the present*”, processos formativos, aceleração do tempo. E acrescentar que tais linhas de força ganharam evidência graças à pesquisa que realizamos junto à rede pública de ensino. No contato com os professores e alunos identificamos temas e subtemas que, à maneira daquelas categorias, podem contribuir para o avanço nos estudos postos na interface

8 Como decorrência da aplicação de modelos de gestão cujo olho parece sempre voltado para a redução de custos, traduzido no termo reorganização da escola, ocorreram, no final de 2015, os conflitos entre o governo do Estado de São Paulo/Secretaria de Educação, e os estudantes do sistema público paulista.

comunicação/educação. A seguir detalharemos alguns aspectos da referida investigação.

3

A pesquisa, em sua angulação maior, realizou-se durante o segundo semestre de 2013 e o primeiro de 2015, envolvendo 197 docentes e 669 discentes. Aqueles estavam alocados em 32 escolas espalhadas pelas zonas norte, sul e oeste da cidade de São Paulo, afora municípios dispersos em raio próximo dos 200 km da capital, compreendendo Osasco, Barueri, São Roque, Taubaté, Tremembé, São José dos Campos e Avaré.

Os discentes distribuíram-se por 24 escolas, localizadas geograficamente nas regiões e cidades acima mencionadas. A diferença entre o número de unidades educativas associadas aos professores, com relação aos estudantes, decorre do fato de atuarem em mais de uma unidade educativa, às vezes na mesma região, outras até em cidades diversas. A capilaridade da amostra foi possível graças ao trabalho de orientandos e colaboradores⁹ que exercem o magistério ou realizam pesquisas na interface comunicação e educação.

A nossa investigação utilizou dois instrumentos centrais: o contato pessoal com depoentes e um questionário com 45 perguntas fechadas ou abertas dirigidas a docentes; e outro, com as mesmas características, mas contendo 36 questões voltadas aos discentes. O material foi consolidado, em sua maior parte tabulado e traduzido em números e gráficos, analisado e, naquilo que se reconheceu como pertinente para o escopo deste artigo, utilizado para alimentar comentários e análises.

Os dados totais coletados permitiram o acesso a informações e manifestações atinentes a um conjunto amplo de perguntas, segundo orientadas aos professores ou aos estudantes, alimentadoras das dinâmicas escolares, das práticas educativas, dos interesses culturais, dos hábitos midiáticos, das ligações com os ambientes digitais, enfim, dos distintos planos que singularizam os vínculos da comunicação com a educação.

As bases em que se deram alguns encontros com alunos, certas precariedades nas escolas, por vezes desalento entre docentes, tendo por pano

9 Maria do Carmo Souza de Almeida, Elisangela Rodrigues da Costa, Sandra Pereira Falcão e Guilherme Yazaki.

de fundo as delicadas condições de existência da rede de ensino, sobretudo aquela de natureza pública – que abrangeu a maioria das escolas referidas aos depoentes, em torno de 70% – permitiram aproximar diversas realidades da educação formal em algumas regiões da cidade e do Estado de São Paulo.

À frente arrolamos alguns dados da pesquisa, seguidos de comentários, a fim de mais bem conectá-los com a síntese conceitual realizada nos tópicos anteriores.

1. Acerca dos equipamentos existentes nas escolas pesquisadas. As respostas permitiam a indicação de mais do que uma alternativa.

Professores

Televisão	189	97%
Rádio	156	80%
Gravador de áudio	66	34%
DVD	178	92%
Câmera fotográfica	139	72%
Filmadora	91	47%
Powerpoint (projektor)	138	71%
Outros	88	45%

Alunos

Televisão	562	81%
Rádio	472	68%
Câmera fotográfica	309	45%
Aparelho de DVD	522	76%
Filmadora	190	28%
Gravador de áudio	113	16%
PowerPoint (projektor)	463	67%
Outros	129	19%

As indicações dos docentes e discentes coincidem no fundamental. Algumas diferenças nos números absolutos derivam de eventuais intercorrências nas respostas dos estudantes movidas, muitas vezes, por desinformação sobre os dispositivos existentes nas unidades educativas pesquisadas, ou são apenas elisões de rubricas que permitem mais de uma resposta. A televisão surge em 1º lugar, indicada por 97% dos docentes e por 81% dos discentes, no mais, a sequência é praticamente a mesma. Vale destacar que equipamentos como câmeras fotográficas, filmadoras ou Power Point são mencionados com

razoável frequência. No caso dos professores, em 71%; e na dos estudantes, em 67%, o PowerPoint é pontuado, revelando que vai se tornando um dos recursos presentes nas salas de aula do ensino básico.

2. Escolas com computadores.

Professores

Computador sem internet	61	31%
Computador com internet	163	84%
Computador nas salas de aula	15	8%
Computador na sala dos professores	145	74%
Computador na secretaria/diretoria	184	94%
Sala de informática	170	87%
Não possui computadores	0	0%

Alunos

Computador sem internet	135	19%
Computador com internet	586	84%
Computador nas salas de aula	107	15%
Sala de informática	607	87%
Não possui computador	15	2%

Também neste caso, há indicadores convergentes entre professores e alunos, sobretudo naquilo que nos interessa diretamente, e que diz respeito seja à existência das salas de informática (87%) seja de computador com internet (84%). Tal realidade quase universalizada, nas escolas que compuseram o nosso *corpus*, no afeito à existência de computadores com conexão, permite dizer, ao menos neste particular, que as unidades de ensino não se encontram alheias ao movimento geral de digitalização que acompanha os encadeamentos das comunidades educativas com a sociedade inclusiva.

3. Procuramos saber dos alunos se a existência dos recursos tecnológicos poderia contribuir para melhorar a qualidade da aula:

Depende	7	1,18%
Não	12	2,03%
Sim	12582	98,47%

Vale dizer que as aulas baseadas apenas em recursos expositivos, ou magistrais, podem encontrar barreiras junto aos jovens frequentadores do

ensino básico. E os números são claros, pois a quase totalidade dos pesquisados (98,47%) vinculam a melhoria na qualidade das aulas ao acionamento das possibilidades técnicas hoje à disposição dos docentes, conforme tabelas anteriores. Parece ocioso acentuar que a resposta está em linha com a forma de os chamados nativos digitais se relacionarem com os circuitos da comunicação, dos acessos à informação e mesmo a certas formas de conhecimento.

4. Em seguida, indagamos se os professores, para o andamento das aulas, faziam uso de notícias dos jornais, revistas, propagandas, letras de música, filmes.

Seguiram-se as respostas:

Sim	579	83%
Não	111	16%

Frente à constatação da crescente utilização de estratégias didáticas para promover as atividades, agregamos outra pergunta aos discentes, a fim de saber se aqueles recursos ajudavam ou dificultavam a compreensão da matéria em exposição. E, diante dos 548 respondentes, quase 98% apresentam resposta afirmativa:

Ajuda	538	98,15 %
Dificulta	4	0,72 %
Depende	6	1,09 %

Estas e outras respostas de semelhante diapasão permitem afirmar com razoável segurança que existe rentabilidade pedagógica quando se promovem determinados processos calcados nas possibilidades facultadas pelas novas tecnologias e pelas linguagens da comunicação mediada. Ou, de outra maneira, fica difícil trabalhar no território da educação formal sem a devida atenção para este mundo de dispositivos técnicos, aceleração do tempo, profusão de imagens, instantaneidade no acesso à informação, capacidade de registrar e colocar em circulação social eventos, ocorrências, acontecimentos.

5. Por este viés, quisemos saber dos professores como consideravam as interfaces dos meios e das linguagens da comunicação com a escola, se possuíam caráter complementar ou antagônico:

Antagônica	4	2,07%
Complementar e antagônico	5	2,09%
Complementar		158 94,6%

A maioria (94,6%) dos docentes entende haver continuidade entre o discurso propriamente didático escolar e as linguagens institucionalmente não escolares. Ou seja, existe clara consciência acerca do necessário estreitamento dos diálogos entre comunicação e educação. Nota-se, comparando as pesquisas que vimos fazendo ao longo dos últimos anos envolvendo este âmbito educ comunicativo, que não apenas diminuiu a resistência dos professores quanto ao tratamento dos temas, problemas, linguagens afeitas à comunicação, como se trata, agora, de trazê-los de modo mais decisivo para o ambiente escolar.

Conclusão

É perceptível para quem está voltado ao trabalho na interface comunicação e educação, ou educ comunicação, conforme tratamento corrente em nossos dias, o fato de estarmos frente a problemas no âmbito das escolas que não se esgotam nos temas – certamente procedentes, em plena vigência e a serem urgentemente enfrentados, haja vista a dramática situação salarial e profissional dos docentes – ligados à infraestrutura e condições materiais do trabalho levado a termo pelos educadores. É imperioso dar tratamento prioritário a tais temas, sem o que fica cada vez mais difícil alcançar os objetivos de uma educação de qualidade.

O que se enunciou neste artigo é algo que não descurando dos óbices postos à educação formal, sobretudo aquela ligada à rede pública, busca ampliar o debate entendendo que existem mudanças culturais e de relações societárias promovidas pelo ecossistema comunicativo, cujo continuum não respeita os limites dos muros da escola. Os mecanismos de acesso à informação, a aceleração temporal, a presença das tecnologias digitais certamente estão trazendo outros desafios para as instituições educativas formais. E, conforme demonstrado nos dados da nossa pesquisa, os fluxos entre os mundos da comunicação, em seus aspectos múltiplos e diversificados, os ritmos da vida contemporânea, e os andamentos da educação, precisam ganhar movimento dialético, não por decorrência de modismos ou interesses de ordem mercantil e mesmo de publicidade governamental, mas porque novas configurações históricas estão a solicitar distintos mecanismos formativos cujos limites não cabem no enciclopedismo, no transmissivismo e no alheamento às reconfigurações sociotécnicas e tecnoculturais provocadas fortemente pelos sistemas e processos comunicativos.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Desafios do mundo moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015.
- BENJAMIN, Walter. Teses sobre filosofia da história. In: KOTHE, Flávio R. (Org.). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1985.
- CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação**. A Linguagem em movimento. São Paulo: SENAC, 2001.
- _____. **Palavras, meios de comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2006.
- CRARY, Jonathan. **24/7. Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- GIACOIA JÚNIOR, Oswaldo. Ansiedade sem aplicativo. In: **O Estado de São Paulo**. 28/06/2015.
- KLINENBERG, Eric. **Going solo** – The extraordinary rise and surprising appeal of living. London: Penguin Press, 2012.
- LATOURE, Bruno. **Reagregando o social**. Bauri, SP: EDUSC/Salvador, BA: EDUFBA, 2012.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura mundo, respostas a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- REISMAN, David. **A multidão solitária**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- ROSA, Hartmurt. **Social acceleration. A new theory of modernity**. New York: Columbia University Press, 2013.